

Técnicos criticam aterro em Camburi

Os Cr\$ 290 milhões que a prefeitura de Vitória vai gastar com aterro hidráulico na praia de Camburi não irá resolver, definitivamente, o processo de destruição pelo mar que vem ocorrendo na avenida Dante Michelini. Esta é a opinião do engenheiro Pedro Bassini, ex-secretário de Obras da prefeitura de Vitória, na administração de Crisógono Teixeira da Cruz. A mesma opinião é defendida pelos engenheiros Jaime Larica e Olavo Machado de Vasconcelos, este também ex-secretário municipal de Obras.

Se estas previsões realmente se confirmarem, o prefeito Carlito von Schilgen considera que a prefeitura não poderá ser apontada como a responsável porque "o aterro hidráulico que será executado em Camburi foi uma das alternativas apontadas por estudo realizados pela Portobrás, através de seu Instituto Nacional de Pesquisas Hidroviárias". Seja como for, o assunto hoje é polêmico, controverso, e sobre ele pairam sérias dúvidas de elementos categorizados.

O atual secretário de Obras da Prefeitura, Laerce Machado, evitou fazer maiores comentários a respeito das controvérsias existentes sobre a obra, e prometeu que esta semana, atendendo à Câmara de Vereadores, tentará esclarecer o assunto no legislativo. Este procedimento é um dado importante, pois reflete, desde já, a falta de consenso para execução de um empreendimento que exigirá do município o maior volume de investimentos em toda a sua história.

Aliás, o aterro projetado para Camburi vem exigindo da Prefeitura explicações as mais diversas. Uma delas teve de ser dada à justiça, sobre a concorrência pública para a execução da obra, da qual saiu vencedora a empresa Transpavi-Codrasa S/A. Insatisfeita com este resultado, outra disputante do pleito, Enterpa S/A, entrou com mandado de segurança judicial, e obteve liminar. Este ato fez com que fosse suspenso o contrato assinado entre a prefeitura e a Transpavi-Codrasa, situação que durou até o município entrar com recurso e o Tribunal da Justiça suspender a liminar, reconhecendo o resultado original da disputa para construção do aterro.

contenção da pista, exatamente logo depois do sinal luminoso, que tinha sido construído por nós".

Quando à opinião de que a erosão da área se deve ao alargamento da avenida, quando de sua duplicação, Pedro Bassini declarou: "Acréscito que não tem procedimento, uma vez que nós que a executamos, temos convicção de que isto não aconteceu. A pista anterior, que era formada por uma camada de asfalto, tinha um grande acostamento para cada lado. Me lembro também que tivemos até que indenizar uma faixa de terreno para que se obtivesse a largura projetada. Não procedemos aterro nenhum ao mar para o traçado da pista".

EROSÃO EM EVOLUÇÃO

Em declarações à revista **Construção**, o engenheiro Jaime Larica disse que "as soluções propostas não resolverão o problema de Camburi", pois a solução adotada não é sequer paliativa, já que se destina tão somente ao combate dos efeitos e não das causas do processo erosivo, que segundo ele, está em evolução". Na sua opinião, a causa principal do problema é a construção do pier do porto de Tubarão pela Companhia Vale do Rio Doce.

Larica assinalou que o pier de Tubarão foi que provocou o desvio das correntes marítimas originais, permitindo alterações em sua trajetória dentro da enseada da praia. Antes daquela construção, os fenômenos eram completamente desconhecidos, ou seja, não existia o processo de erosão da praia de Camburi.

Explicou que a linha de planta da praia antes era estabilizada. A partir de 1969/70, toda a sua faixa arenosa começou a sofrer modificações, tornando a praia uma das mais perigosas. Diversas pessoas morreram ali, arrastadas pelas correntes marítimas, fenômeno que é negado, veementemente, pela prefeitura de Vitória, apontando os estudos feitos pelo Instituto Nacional de Pesquisas Hidroviárias, da Portobrás.

Ainda de acordo com Jaime Larica, a maior indicação de que a enseada não está estabilizada e de que a praia ainda procura a sua linha de equilíbrio em planta não é verdadeira. E deve-se à desconsi-

SOLUÇÃO: ATERO?

O mais importante nisso tudo, em que ~~pese~~ os fatos que envolveram a questão, é o próprio aterro hidráulico projetado para a praia de Camburi. Serão usados recursos da prefeitura, da Companhia Vale do Rio Doce e do BNH, totalizando Cr\$ 290 milhões, para execução das obras. Mais ou menos 2.700 metros de extensão da praia serão cobertos de areia, numa largura de 80 metros em direção ao mar.

Na opinião do ex-secretário de Obras da PMV, Pedro Bassini, o aterro "não seria a solução definitiva" para o problema que, há vários anos, vem afetando a praia de Camburi, principalmente a avenida Dante Michelini, situada bem próxima do mar, e sofrendo um processo de destruição tal que nada foi capaz de contê-lo, até agora, apesar do dinheiro gasto com várias modalidades de obras nos últimos anos.

Pedro Bassini disse que a erosão na avenida Dante Michelini, se deve às fortes ressacas do mar concentradas em determinados trechos da pista, e também, "muito principalmente, pelos aterros hidráulicos construídos em grande área da praia do Suá até à praia do Canto, bem como da construção do extenso quebra-mar (enrocamento) e piers do Porto de Tubarão". Tudo isto, contribuiu "sem sombra de dúvida" para alterações no movimento das correntes marítimas, afetando sensivelmente a faixa da praia.

Bassini foi quem comandou, através da prefeitura de Vitória, a primeira etapa de duplicação e implantação da infra-estrutura da avenida Dante Michelini, compreendendo o trecho entre a ponte de Camburi e o local onde hoje o mar vem destruindo uma margem da pista. Para desfazer dúvidas de que aquela obra tenha contribuído para o aparecimento da erosão, registrada pouco depois da construção, o engenheiro salientou que "na nossa administração não ocorreu nenhuma anormalidade naquele trecho. Mas, poucos meses depois da administração seguinte (com o então prefeito Setembrino Pelissari), tivemos o desmoronamento de um pequeno trecho do muro de

deração de mudanças nas correntes marítimas, provocadas pelo porto de Tubarão.

Quando da duplicação da avenida Dante Michelini, em 1975, Larica disse ter previsto que as correntes marítimas provocariam sua destruição. Ele não foi levado a sério.

Para o engenheiro Olavo Machado de Vasconcelos, o que se exige para solução do problema de Camburi "é a realização de um estudo, que abranja um período de 12 meses, sobre a ação das marés na orla marítima de Camburi e as possíveis mudanças de correntes, em decorrência de obras realizadas no mar, sejam as portuárias ou as de simples aterros. Esses estudos deverão ser, inclusive, simulados".

EXPLICAÇÃO OFICIAL

Enquanto os técnicos capixabas atribuem a erosão da praia às mudanças das correntes marítimas em Camburi, como decorrência da construção do porto de Tubarão, o secretário de Obras da prefeitura, Laerce Machado, também em declarações à revista **Construção**, diz que o fenômeno é resultado do acréscimo da violência das ondas, que batem frontalmente contra a praia. Este acréscimo teria sido provocado pelo "canal dragado de acesso ao porto de Tubarão, cuja profundidade passou de 15 para 22 metros, e a construção da segunda pista da avenida Dante Michelini em cima da ação do mar".

Laerce Machado revelou ainda que o aterro projetado "foi profundamente estudado e programado, não se constatando a existência de correntes marítimas. Ele prefere confiar decididamente nos estudos feitos pelo INPH, da Portobrás, que foi responsável pelos trabalhos que deram origem a construção de Tubarão e tem know-how nesta área há mais de 20 anos.

Os estudos feitos pelo INPH apontaram quatro alternativas contra a erosão da praia de Camburi, e a Prefeitura de Vitória escolheu a de número dois, que preconiza basicamente a construção de uma muralha para proteção da avenida Dante Michelini, e ampliação da praia por aterro hidráulico e mecânico.